

revista

Geo 
USP
 espaço e tempo

Volume 20 • nº 3 (2016)

ISSN 2179-0892

Editorial

A trajetória intelectual de Sandra Lencioni

Convite aos leitores

Esse dossiê traz aquilo que, formalmente, não está no Google sobre o trabalho de Sandra Lencioni. Trata-se do modo como seu pensamento se constitui e como ultrapassa os limites da folha de papel escrita para fazer história no movimento de construção do pensamento geográfico. Esboça um trajeto realizado na universidade pública dedicado à formação, à pesquisa e à extensão – os pilares da USP.

Quando falamos de uma pessoa, é necessário situá-la no tempo e no espaço; ninguém está solto no mundo. A trajetória intelectual de que se trata aqui tem um marco espaço-temporal sobre o qual se sedimenta. O espaço é a Universidade de São Paulo (USP), particularmente a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), onde o Departamento de Geografia (DG) tem um lugar específico e especial. Falar de um tempo é pensar que sua trajetória se inicia na graduação, nos anos 1970, período da ditadura militar, momento em que, contraditoriamente, todos eram convidados a manter viva a chama da liberdade de expressão, num cenário de perdas e muita repressão.

Para a geografia era um momento de crise e questionamentos. Nossa geração queria participar do cenário que se transformava, a começar pela construção teórica da disciplina para melhor compreender a realidade brasileira.

O Departamento de Geografia era um lugar de embates e de forte reação ao que vinha se chamando de revolução quantitativa. De forte influência francesa, posto que nosso departamento foi construído sobre as bases da geografia francesa, mergulhávamos nas possibilidades apresentadas pela “Geografia ativa” de Pierre George, Guglielmo, Lacoste, Kayser, mais próximos do marxismo.

Como estudantes, tínhamos uma curiosidade sem fim. Muitas questões emergiam, e não encontrávamos as respostas no curso de geografia em si, a não ser pelos horizontes que ele abria e pelos estímulos vindos das salas de aula de muitos de nossos professores.

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 20 • nº 3 (2016)

ISSN 2179-0892

Formados, nos perguntávamos, afinal, o que era o espaço geográfico, uma pergunta que nos estimulava a descobrir os conteúdos e as bases sobre as quais se construíam a geografia brasileira e seu futuro como disciplina. No DG, o cenário de liberdade se contrapunha ao que se vivia fora dos muros da USP, mas isso só foi possível porque tínhamos a inspiração de mestres como Pasquale Petroni, Léa Goldstein, José Pereira de Queiroz, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Nelson de la Corte, Rafaelle Bochicchio e Armando Correia da Silva, para citar alguns. Eles nos ensinaram que o conhecimento se reproduz ao mesmo tempo em que a própria realidade se transforma. Aprendemos com eles que a superação é um momento necessário da reprodução do conhecimento, o que significa que também seremos superados. Como nos ensina Nietzsche, o verdadeiro discípulo é aquele que supera o mestre!

Terminado o curso de geografia, começamos a ler e debater os chamados clássicos, cujos textos eram lidos na sala de aula, mas não os livros. Um novo panorama surgia aos nossos olhos, com novas questões apontadas pelos limites da construção do conhecimento geográfico. A teoria mostrava sua insuficiência, desafiando-nos a pensar.

Era um ambiente estimulante. Era também um momento importante de mudanças na geografia internacional. Influenciadas pelas leituras de Marx, que fazíamos no curso de José de Souza Martins no Departamento de Sociologia desde 1975, começamos a construir um caminho para nossas investigações. Um novo modo de compreender o espaço gerava debates acalorados: de um lado, Sandra e eu; de outro, Wanderley e Tônico. Até que um dia resolvemos nos juntar para conversar. Foram várias reuniões em nossa sala (de Sandra e minha) e alguns resultados apresentados no Congresso da AGB na PUC-Rio e depois, em São Paulo, na USP, nos anos 1980.

Curiosidade e determinação eram a marca registrada dessa geração, mesmo porque a geografia ficava na FFLCH, o que desde cedo nos colocava questões sobre a interdisciplinaridade e a importância da filosofia e da sociologia na formação do geógrafo.

Nesse momento, fazíamos parte de uma nova geração de geógrafos que queriam ser professores da USP. Estudávamos juntos para os concursos, aprendíamos juntos, e um ajudava o

outro na preparação das provas – disputando as mesmas vagas. A competição dava lugar à solidariedade, à união em torno de sonhos comuns: queríamos mudar o mundo, fazer a diferença.

Aprendemos a lidar com a diferença, com o diferente, nos comprometemos com a geografia e, uma vez professores, com a formação de nossos alunos. Queríamos prepará-los para o exercício da cidadania, para desvendar o mundo com as possibilidades que a geografia abria. Mais tarde, os estudantes dessa geração se tornaram professores do DG e, além de pensar/pesquisar – criar os novos rumos para o pensamento geográfico –, aceitaram o desafio de ensinar essa “nova geografia” estimulada pela dialética e pela obra de Marx.

Portanto, a trajetória de Sandra integra a vida e o conhecimento produzido no DG da FFLCH em meio ao debate e embate na geografia e dela com as outras disciplinas da FFLCH. O que fez toda a diferença.

Certamente, a trajetória de Sandra fez e está ajudando a fazer a diferença, mostrando a potência da geografia para desvendar o mundo moderno sem concessões ao produtivismo, à competição desenfreada por verbas, à preguiça acadêmica. Os artigos deste dossiê trazem algumas das muitas ideias e contribuições de Sandra para a construção do pensamento geográfico e estimula-nos a pensar no papel do professor que é, antes, um pesquisador.

Assim, a trajetória intelectual de Sandra Lencioni faz parte história do DG-FFLCH-USP. E a história do DG se constrói, por sua vez, também com o trabalho de Sandra.

Ana Fani Alessandri Carlos

revista

Geo 

USP

espaço e tempo

Volume 20 • nº 3 (2016)

ISSN 2179-0892